

Collor tenta articular alianças para segundo turno

Brasília — Fotos de Ricardo Chaves/Agência Estado

BRASÍLIA — Com 25 minutos de atraso, o candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, embarcou às 14h25 no **challenger** da Líder Táxi Aéreo que o levou de Brasília para Maceió, onde votará hoje às 8h no Grupo Escolar Epaminondas Gracindo. Muito nervoso, encarando seus interlocutores com o cenho franzido e sem responder a qualquer pergunta, Collor chegou a tapar o rosto com um envelope, na garagem do edifício onde fica seu comitê, para evitar fotografias enquanto entrava no Opala que o levaria ao aeroporto. Ali, mais uma vez, gesticulou com irritação, para o ar, ao perceber a presença de estranhos no hangar da Líder, para em seguida abrir seu melhor sorriso e erguer os dedos em V, da vitória, quando resolveu posar para fotos na escada do avião.

Em companhia de seus assessores Cláudio Humberto da Rosa e Silva, Cleto Falcão e Celso Cavalcante, Collor esperou já dentro do avião por sua mulher, Rosane, que chegou apressada à base, dirigindo seu próprio carro e cautelosa ao comentar a possibilidade de o marido ganhar a eleição no primeiro turno, com mais de 50% dos votos, como alardeava o assessor Cláudio Humberto, nas conversas da manhã, no comitê. "Vamos ver, vamos lutar", disse ela. Iara, a secretária do assessor Juca Colagrossi, chegou ao hangar esbaforida, com um documento que deveria entregar a Collor antes do embarque, mas o **challenger** já taxiava. Era o relatório sobre a situação política no Paraná, que junto com outros quinze levantamentos, vão orientar as negociações para viabilizar adesões no segundo turno.

Rumos — Collor convocou todos os seus assessores para uma reunião, em Brasília, no final do dia 16, quando espera ter resultados e projeções que indiquem o seu adversário no segundo turno. No encontro, os coordenadores começarão a traçar os rumos da campanha em todos os aspectos, dos políticos ao novo programa de televisão a ser especialmente criado para a última etapa.

Com base em relatórios sobre a situação política em 16 estados visitados por sua assessoria, o candidato do PRN passou a manhã de ontem agarrado ao telefone de seu gabinete do comitê central de campanha, conversando com políticos de vários estados. Os assessores Cleto Falcão e Celso Cavalcante faziam as ligações e passavam o fone ao candidato, que se encarrega pessoalmente de conquistar as novas adesões para o segundo turno das eleições presidenciais. Na lista de Collor, estão o ex-deputado Nelson Marchesan (PDS-RS), que não declarou apoio a ninguém no primeiro turno; o senador Jorge Bornhausen (PEL-SC), que ficou com o candidato Afif Domingos, do PL; e o senador Marco Maciel (PFL-PE), que oficialmente está apoiando Aureliano Chaves.

Guerra — Fernando Collor poderá entrar fundo na seara de Affonso Camargo (PTB), Paulo Maluf (PDS), Guilherme Afif (PL), Ronaldo Caiado (PSD), e até de Ulysses Guimarães (PMDB), a partir da análise de questões estaduais feita sob a coordenação de Juca Colagrossi. O pior quadro eleitoral para o candidato é o do Rio Grande do Sul — onde Leonel Brizola, do PDT, tem sólidas bases —, e ali pretende montar, no segundo turno, uma verdadeira operação de guerra para conquistar votos, desde a aliança com lideranças expressivas, como a de Nelson Marchesan, até uma concentração ilimitada de material publicitário.

Embora o Rio de Janeiro — o segundo maior reduto brizolista — seja considerado, nas avaliações da equipe de Collor, como um estado problemático para o candidato, o PRN conta com a adesão do PMDB neste segundo turno, se o segundo colocado for Brizola, por incompatibilidade absoluta do governador Moreira Franco com o candidato do PDT.

Em Santa Catarina, o candidato espera que Espiridião Amin traga todo o PDS para seu lado. Foi ali que o PRN mais cresceu e atuou de forma organizada.



Collor estava nervoso antes de viajar e tentou esconder o rosto com um envelope



O candidato posou, sorridente, fazendo V da vitória